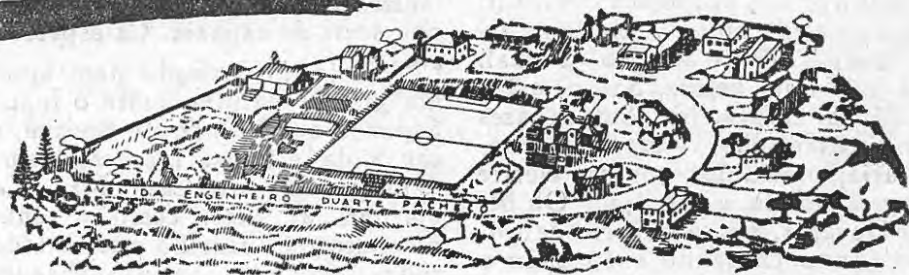




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º—209
Preço 1\$00

O NOSSO LIVRO

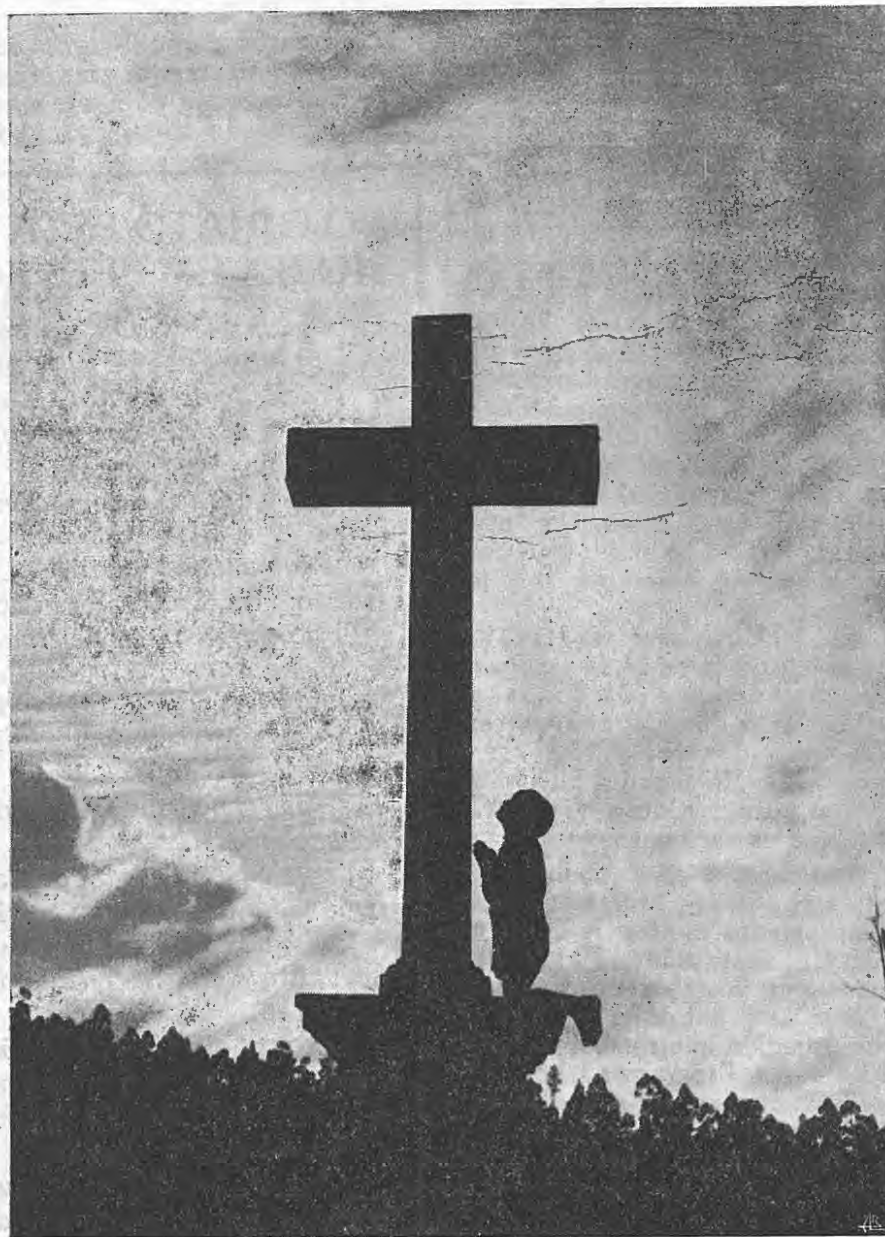
Quando esta notícia chegar à luz, muitos dos leitores estão saboreando a leitura do segundo, assim como fizeram com o primeiro volume. É que o suspirado, tem seguido em lotes de 500 exemplares; *remessas maciças*, como o Júlio me disse; *vou fazer—remessas maciças*. Eu gostei do termo e disse que ia publicar e perguntei se é com dois ss ou ç que a palavra se escreve; e soube. Avelino, que estava ao pé, explica que maciço vem de maço. Já que eu não tenho idade nem tempo, mando estes rapazes estudar e eles, por sua vez, ensinam-me.

Pois é como é. O livro anda em giro. É expedido por ordem alfabética, por isso os senhores não estranhem nem desesperem, que a seu tempo chegará. Ele era a hora de começar a reimprimir o *Pão dos Pobres*, cujos três volumes há muito se esgotaram, em muitas edições; era a hora de começar, sim, mas nós resolvemos outra coisa: dar à estampa o *Barredo*. O Avelino já seleccionou matéria para um volume de duzentas e tal páginas e Júlio passou tudo às mãos dos compositores, de sorte que, o mais tardar, no fim do ano, produzimos outra obra.

Isto não significa que o assunto do *Pão dos Pobres* esteja antiquado. Não está. Os casos do livro que vai sair, são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos referidos naqueloutro. Então quê? É para demonstrar que a vida do Pobre não muda, que nós assim fazemos. *Estamos no mesmo sei*, é uma resposta muito dos meus ouvidos, quando, por hábito, pergunto ao Pobre como vive. A semelhança dos *barredos* é flagrante, tanto faz Coimbra, como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos. Um caso do momento, trás-nos imediatamente à memória outros distantes, em tudo iguais. Exemplo; pareceu-me estar em Coimbra quando ontem, na Fonte Taurina, entro de manhã num cubículo onde 3 criancitas pediam café à mãe. Parecia Coimbra—e não era. Estava no Porto, mas naquela terra, naquele tempo, e àquela hora, quantos quadros semelhantes! Por isso sairá o *Barredo*, no lugar do *Pão dos Pobres*.

Tencionamos ilustrar as páginas com fotografias como reforço natural da palavra, no intuito de tocar, impressionar e ferir. Desejamos que os leitores vejam. Que conheçam. Que amem.

Quem sabe se, procedendo assim, possamos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume,—quem sabe? Um segundo volume de o *Barredo*, sim, mas outro *barredo* com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta. Segundo volume de um outro *Barredo*, aonde se possa narrar com verdade de como foi e quanto o Porto não rejubilou com a demolição total daquela grande desgraça; daquela *nossa* desgraça! Segundo volume de um outro *Barredo*,



O nosso jornal faz hoje 8 anos.
Eis aqui a sua expressão.

aonde se possa dizer também com verdade o nome do homem que executou uma tal obra de salvação pública. Sim. Digo bem. Ao ver nas páginas do futuro livro, devidamente ilustradas, as condições dolorosas e desumanas dos actuais ocupantes daqueles sítios, nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferencia a esta obra, dizendo baixinho para dentro de si mesmo, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhes acudissem. Esta é mesmo a regra.

Chegado a este ponto do futuro segundo volume e tendo feito a narrativa da demolição, as últimas páginas do dito, haviam de ser ocupadas com a notícia da extensão e repetição de bairros da Corujeira. Neste ponto alegre e delicioso, também havíamos de ilustrar a leitura com fotografias dos *desenterrados*. As suas novas condições de vida. Suas casas plenas de luz. A roupa a corar. Flores. Gosto de agradecer ao Pai Celeste o seu pão e os seus filhos. Não havíamos jamais de ouvir dizer esta nota dolorosa: a mãe nova e desgraça-

da de um pequenino que cá temos, desmaiou ao ver o seu filho a sorrir. *Eu nunca tinha visto o meu filhinho a ri-se*, disse-me ela. Isto era no *Barredo* antes da demolição. Era no cemitério dos vivos, aonde a criança perde a sua natural graça. Isto havia de constar das últimas páginas do segundo *barredo*.

E agora seguia-se, naturalmente, a conclusão. Esta seria tirada do texto por cada um dos seus leitores. Para isso teria ele, o leitor, de fechar o livro e de fechar os olhos e mergulhar. Mergulhar na história. O livro seria uma página da história de Portugal. O leitor desejaria ter vivido naquele tempo, assistir à demolição, acompanhar os transferidos, ver como se instalaram nas suas novas moradias. Mergulhar! O leitor meditaria e quedava-se a bem dizer o homem responsável por um tal Felto.

E porque não? Quem sabe se este meu verbo no condicional se não há-de tornar num futuro presente? Quem sabe se os homens, cansados de novas e constantes experiencias, não venham a regressar!

UMA NOTÍCIA

Um dia de anos deve ser de boas notícias e nós queremos dar uma que está à altura da festa e há-de comover cada um dos nossos leitores, assim como fez a mim. Ouvia-a no Lar do Porto. Foi o Carlos Veloso que ma disse; é dele que a tenho: num futuro próximo, os vicentinos do Lar, tencionam fazer uma visita às Casas dos Pobres de Paço de Sousa, acompanhados dos seus Pobres. É de camionete. Estes rapazes, em assuntos desta natureza, não costumam faltar.

Pois também eu quero dar hoje aqui uma boa notícia ao Carlos Veloso: se eles trazem aqui os seus amigos em passeio, podem contar com uma refeição quente para todos.

O Gaiato na sua festa de anos

«Condição indispensável: dizer a verdade. Toda a verdade. Seja a favor deste ou a favor daquele, seja a favor ou contra os nossos, seja contra ou a favor dos adversários. Não ter medo da verdade. Ela «nos libertará». Existe um jornal no país — O Gaiato — que apareceu ontem e já vai a caminho dos 30.000 exemplares. E esses exemplares são lidos, ao contrário de muita imprensa que ninguém lê. É que esse jornal diz verdades amargas, duras, até uma vez ou outra aparentemente irreverentes, mas verdades como punhos, para usar da sua linguagem por vezes menos que popular. Pode discutir-se um ou outro pormenor, pode discordar-se duma ou outra afirmação, mas quem não vê ali, em cada frase, a expressão duma alma sincera, dum coração que pulsa com o de Cristo a favor dos homens, sobretudo dos mais humildes? Há-de ser a Luz a eterna enfermeira das chagas, encontrem-se elas onde se encontrarem.»

(Da Lumen, revista do Clero)

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Acabo agora mesmo de chegar do nosso bairro, aonde se encontra na altura de carpinteiro, a primeira casa das seis que nos propomos construir. Nunca os meus olhos viram uma beleza assim! Não é a casa, à qual, aliás, não falta beleza. São os artistas. São os carpinteiros. Sete rapazes de vários tamanhos e idades e indumentária, presididos por um mestre da mesma idade e condição. Oh beleza! Devagar, sim, e no meio de tormentos, vou chegando e gozando o que sempre suspirei:—o Rapaz a comandar o Rapaz.

Os aprendizes gostam, aprendem, esmeram-se. O chefe, melhor diria, o mestre, esforça-se, ganha amor à obra, porque ama os seus rapazes. Este que hoje é mestre, e que mestrel, —em pequenino, fazia casas de casca de pinheiro e outras obras do mesmo estilo e diferente material. Foi esta a sua aprendizagem. Como não chegamos à escala nem aos métodos da chamada educação profissional, contenta-se a gente com o que temos de casa, e que fica sempre mais barato e costuma ser mais eficiente. De cascas de pinheiro, o António, mais os seus aprendizes, executam hoje plantas maravilhosas do Arquitecto Teixeira Lopes, usando para tal, verdadeiros materiais de construção.

*** O Abel é o meu ajudante. Às 7 horas já ele tem o altar pronto e tudo o mais. Quando ele falta é o Fernando Barros ou o Caçoila no seu impedimento. Ora hoje o Preta das casas surgiu na capela, como quem traz uma grande novidade. Como no momento não podia falar, fez pausa. De regresso à sacristia, no fim da missa, Preta reaparece. Traz um recado urgente. Quer falar com o Abel. Diz-lhe não sei o quê ao ouvido e este desaparece imediatamente. No final da minha oração, mandei chamar os dois para saber deles o que era. Não era nada. São coelhos. Foi uma coelha. O Preta das casas, ao passar, notou que ela tinha tido filhos. Contou seis e não se segurou que não fosse dar a notícia ao Abel. A coelha é deste e do Hélio. Eu não digo mal dos coelhos; também não quero mal a quem dá coelhos aos rapazes da venda. Mas ninguém pode proibir que eu me queixe. É um natural desabafo. Ninguém pode calcular o que ora se está passando aqui em casa, enquanto os pequeninos roedores não abrem os olhos. O Abel teve de fechar a porta da coelheira e anda com ela no bolso e de vez em quando vai por lá e ameaça... Ninguém pode calcular! Ora tudo isto se evitaria se os senhores ficassem na posse dos seus animais.

*** Eu antes queria que me dessem mas era uma bicicleta pequena para os pequenos refeiteiros. São eles o Gaia, o Manel do Embrulho, o Bernardino, o Papagaio e o Pombinha. Nenhum deles tem mais de doze. Nunca tivemos refeiteiros que tão bem desempenhassem o seu cargo! Eles são simplesmente primorosos. Ora eu já lhes prometi uma bicicleta com a ideia de a comprar. Porém, lembrei-me que alguém apareça com vontade de me substituir e é por isso que me encontro agora aqui. Sabemos antecipadamente que isto vai produzir maiores sarilhos do que os produzidos pela presença de coelhos. Sabemos. Mas é uma bicicleta e ela tem rodas e a roda é um círculo e o círculo é belo e o belo encanta. Se os senhores me derem a bicicleta, eu desde já convindo quem ma der a vir aqui com a sua família e gozar a hora de recreio dos cinco refeiteiros. São eles o Papagaio de S. João da Ma-

deira, o Gaia de Gaia, o Pombinha de Algueres, o Manel do Embrulho de Gaia e o Bernardino, de pais ambulantes. Uma bicicleta pequena, para esta sorte de rapazes. Cá espero.

*** Hoje fui chamado para apartar um grande barulho entre o João de Espanha e o Arlindo do Bontim, por causa da esfrega. Eles esfregam as dependências da Casa Mãe. Cada um tem as suas, como a senhora determina. O barulho andou todo à roda disto, mas eu não cheguei a perceber concretamente quais as cousas próximas. É muito difícil averiguar. Quando assim acontece, o melhor é deixar tudo conforme estava antes, e as cousas caminham por si mesmo. Tenho-me dado bem assim.

*** É na capela. Da hora que vai das 8,30 às 9 da noite, que é o terço em comum, costume tirar dez minutos e fazer catequese. É a minha hora. Tenho ali o meu quinhão. À frente os mais pequeninos. No meio os médios. Ao fundo os grandes. A Obra da Rua é isto mesmo. Se alguém a quizer pintar com fidelidade, tem de vir aqui àquela mesma hora. Ontem, ocupei-me do sétimo Mandamento. Não furtos. De regresso aos meus aposentos, sinto passos na escuridão. Mais passos. Quedo. Olho. Era um ladrãozinho. Uma criança adorável numa atitude maravilhosa. Lágrimas! Outros, por causa doutros mandamentos, noutras ocasiões, têm feito o mesmo. Aquela é a minha hora. Eles são o meu quinhão.

É meu costume escutar, erguê-los com um aperto de mão e recomendar-lhes a próxima vinda dos sacerdotes. Todos os meses aqui aparecem 4 deles, dois dos quais de longe e com dispendio de gasolina. A todos, deixo aqui publicamente a minha gratidão. Deus os recompensará.

Muitos há que não acreditam no poder da confissão—sacramento. Ele é mesmo um dos pontos de doutrina que divide os cristãos. Mas o que seríamos nós; o que seria da nossa obra sem este antídoto, se mesmo com ele somos o que somos! Eu acredito. Eu quero. Esperamos a hora em que se nos ofereça um padre da rua o qual, não sendo de nenhuma das casas, escolha ir por todas elas, tocar nas almas doentes destes nossos Rapazes.

*** Tenho andado aqui às voltas com a senhora da cozinha, a quem pergunto já e logo se lhe não parece ainda tempo de botar galinhas; ao que ela nada responde. Ele é verdade que não me devia importar. Com assuntos tão graves e pendentes à minha roda, isto de botar galinhas, não me devia preocupar. Mas é a experiência. Já há muito que aprendi e hoje conheço os efeitos maravilhosos que uma galinha choca e seus pintainhos, causam na alma destas crianças. Daí o meu interesse.

Ora hoje ao passar na cozinha, dou com duas galinhas, cada uma em seu caixote, ambas com pintainhos! Parei alvoroçado. Pintainhos! Era uma preta e outra amarela. Pombinha, Manel do Embrulho, Papagaio et coetera et coetera et coetera, faziam guarda, a distância... Foi então que eu soube tudo. Soube do grande segredo. Soube da terrível disposição da senhora da cozinha; além destas duas galinhas, há mais três escondidas, todas a chocar, que só saem do esconderijo quando os pintainhos estiverem fora dos ovos. E soube mais isto; é proibido terminantemente a quem quer que seja, por a mão nas galinhas ou mexer nos pintainhos, enquanto no cesto! Oh tristeza! Oh tristeza das tristezas! Só uma conso-

Tribuna de Coimbra

Já deram contas a Deus os velhinhos da capela do bairro das latas. Ela, com uma tuberculose óssea e mais males, dizia-me na última vez que falamos: *o que eu mais peço a Deus é que leve primeiro o meu homem; por mim ainda podem reparar mais... Mas a primeira foi ela. Ele, enquanto podia, andava com uma saquinha a vender areia (o velhinho da areia), dizia-me nos últimos dias de vida: oh meu santinho, que estou eu cá a fazer? E na véspera de deixar o mundo cantou todo o dia. «Preciosa aos olhos de Deus a morte do justo».*

Faleceu também o Tonito do latoeiro. Pediu um confessor e os Sacramentos e recebeu-os santamente. Pedia frequentes vezes à mãe que rezasse com ele e nesta boa disposição a sua alma voou

O GAIATO ESTÁ HOJE EM FESTA

«Esta tem por fim comunicar-lhe que já está completa a procissão na Fábrica de Tabacos a «Portuense» com mais dois mealheiros além dos três que já existiam, como sabe.»

São eles ao todo: «Os Amigos do Padre Américo» da oficina mecânica de cigarros fortes.

«Os Amigos da Obra do Padre Américo» da oficina do pique.

«Os Amigos do Gaiato» da oficina n.º 1.

«Os Simpatizantes da Casa do Gaiato» oficina n.º 2.

«Os admiradores da Obra do Padre Américo» oficina do picadilho.

Estes mealheiros serão abertos de 6 em 6 meses, ou seja no fim do mês de Junho e Dezembro.

Fazemos votos para que todos os nossos camaradas de todas as fábricas e oficinas, sigam o nosso exemplo. Como seria bela a obra do Padre Américo se todos os trabalhadores do nosso país cotisassem um ou dois tostõezinhos por semana, que nada custava, para a Obra da Rua; sim, porque nesta procissão cabem todas as ideias políticas e religiosas.

O que é mister é fazer do cisco das ruas, luz, e fazer com que as colónias penais de vadios, abram talencia.

Sem mais aceite as minhas cordiais saudações, e até Junho se Deus quizer».

lação me resta; é que a senhora da cozinha vai perder...!

*** Os senhores sabem qual é a hora mais espumante aqui em casa? Hora em que todos olham e vão chamar outros para que também vejam? Hora dos grandes e dos pequenos e médios? Não sabem? Eu digo. É o pavão. É o pavão que começa a armar-se. É novidade. Eles nunca tinham visto semelhante.

para o seio de Deus. Ele era das nossas Colónias. O Senhor vem colher estas flores mimosas antes que a miséria tudo desvaste.

O bairro das latas melhor lhe ficava o nome de cemitério ambulante. O Pio fica encostado e é por isso que ninguém nota o número das vítimas. A tuberculose assentou ali banco em quase todas as famílias. E metem tanta aflição tantas criancinhas já atacadas do terrível mal! Há casas onde já são cinco filhinhos com tal doença. E, contudo, terão que continuar naqueles antros, a habitar chiqueiros imundos, amontoados como bagagens, sem luz, sem ar, sem pão, sem educação.

O bairro afugenta. Há ali muita espécie de assistência e o problema permanece de pé e cada vez mais grave. A assistência ali não pode ser particular, tem que ser oficial. Assim andamos em vão.

Ao lado há um bairro feito há anos e ainda por habitar. Há queixumes, há clamores, há injustiças e nós de ouvidos tapados e olhos cegos à luz. Para onde caminhamos?

Que há pior na guerra do que ver os filhos com estrita necessidade de pão, com exigências naturais de abrigo e conforto, com direito a um lugar onde se possa estender?

Em quase todas as casas as mães aflitas dizem que o sr. doutor receitou injeções para fortalecer e mandou dar melhor alimentação, mas os filhos são nove e quase todos doentes e o marido ganha 16\$00 diários e, com frequência, está desempregado. Não chega para umas molhadinhas de grelos, quanto mais para remédios e alguma cosinha melhor!...

Que pode a Sociedade esperar daqui? Uma solução única se ergue: Justiça.

P. S. — No primeiro domingo da Santa Quaresma, dia 9, irão ser habitadas mais duas casas dos Pobres em Miranda do Corvo. Faltam camas e roupas. Quem levanta o braço? Padre Horácio

NOTA DA QUINZENA

Ontem foi o dia, e isto aconteceu com frequência, em que inutilizamos todos os livros de uma grande remessa, de algures. Eram da colecção *Vampiro*. Outras vezes, são revistas que levam o mesmo caminho.

Eu fico a cismar e tenho medo do mundo. Esta sorte de leitura é-nos enviada por assinantes que simpatizam. São amigos. É gente de bem. Gostam que os rapazes leiam, uma vez que sabem das nossas bibliotecas.

Supõe-se que as remessas são feitas por famílias respeitáveis, cujos filhos leram e acharam bem, tanto que desejam enviar a outros, e fazem-no.

Não compreendem! Não distinguem! É justamente isto que eu temo. Eu tenho medo do mundo. O bem seria que as livrarias fossem reguladas como nas farmácias; em cada uma um técnico responsável e examinasse, antes de entregar. Mas como assim não é; como quem quer pode escrever o que quizer, eu estou hoje aqui a pedir aos nossos amigos que não sejam fáceis em mandar pelo correio encomendas de livros usados.



Aqui, LISBOA!

A lista dos depósitos do Montepio Geral vai tão extensa que se torna já impossível reproduzi-la aqui. Basta dizer, em resumo, que fomos encontrar ali vinte e três contos, além dum monte de embrulhos de roupa e variados outros artigos de grande utilidade.

É Lisboa a despertar; que fará quando estiver acordada!

Nós bem fazemos por sacudi-la. Aparece agora, para isso, a oportunidade que nos oferecem os Rev. Párcos. Venham, escrevia um deles, a vossa presença na minha igreja, será uma benção para a minha freguesia! E nós vamos, Deus sabe com que sacrificio, semear na dor, para recolher na alegria.

Vai-se uma manhã inteira nesta divina sementeira.

As primeiras horas da manhã, noite ainda, vêm as criadas de servir. Na bandeja não aparecem só tostões. Uma delas deposita um pequeno embrulho de dez placas de dez escudos «para o Património dos Pobres». Outra vem pedir desculpa por não ter nada que dar, mas promete mandar metade do ordenado que há-de receber no mês seguinte.

As nove e dez horas, vêm as crianças e as famílias remediadas. A temperatura da vida de piedade é agora a mais alta. A inocência e sinceridade dos pequenitos, os canticos, a magestade dos templos e a presença de Deus vivo, impressiona as próprias pedras. Dizia-me de uma vez, o maestro duma orquestra: não sou católico, mas se por acaso entro numa igreja e ouço certos canticos, comove-me e até às lágrimas.

Das onze em diante, aparecem os bafejados de fortuna. Eles são uma minoria dentre os muitos que habitam nas avenidas, que dispensam a recompensa da outra vida e a quem basta, por agora, o dinheiro. Os presentes, cremo-lo bem, são os que pretendem passar pelo fundo da agulha; pela esmola procuram fazer violencia ao reino dos céus. É o que concluímos da colheita abundante que os nossos rapazes fazem. Eles chegam ao fim a suar. Enchem os bolsos das notas que já não cabem na bandeja e vergam-se-lhes os braços com o peso das moedas. Arrebetam de alegria! «Nunca tal vil Olhe para isto: notas de 500, olhe jóias! Uma senhora deu-me um beijo, a chorar! Tudo se levanta quando nós passamos!»

Na igreja de N. S.^a de Fátima recolhemos, deste modo, trinta e cinco contos; na dos Anjos, seis; na de S. Sebastião da Pedreira, dezoito, em seis, sete e oito missas respectivamente.

A seguir vêm ter connosco aqueles a quem a santidade do lugar sagrado obrigou a manter-se em silencio até àquela altura: são pais que vêm pedir a benção para os seus filhos (quem sabe se algum deles não virá um dia a cair na extrema indigência daqueles cuja triste história acabávamos de contar) são Rapazes que vêm apresentar suas noivas; são recém casados que vêm apresentar as esposas. Há quem venha pedir abrigo para crianças abandonadas que conhecem; quem peça orações e até quem venha ralhar... tu-

do por bem.

Deste modo nós tomamos contacto com a vida da paróquia, e por ela avaliamos do rebanho e do Pastor.

Uma coisa nos alegrou sobremaneira: a assistência que se está a prestar aos Pobres de cada uma das freguesias. Nos Anjos apresentaram-se-nos Rapazes da Conferência; em S. Sebastião está o modelar Patronato; nas outras, Fátima e Estrêla, uma perfeita orgânica de assistência aos Pobres.

Basta dizer que, nesta última, os católicos deram para a campanha dos Pobres trezentos e cinquenta contos, no ano findo!

P.^o Adriano

Agora

O guião vai na mão de um visitante que deixou 500\$00. A seguir uva professora e mãe com 100 deles. Ao lado vai uma da Rua de Cedofeita com metade. Mais uma professora oficial de Lisboa com pregos, 30\$00. Um nadinha atrás vai uma mãe aflita do Porto com 100\$00. O Seixal leva um prego de 25\$00. Sintra leva outro de 20\$00, e louvado seja o Senhor por tão boa obra. Lisboa leva telhas, 100\$00. Porto outro tanto. Miragaia idem. Ferreira do Zézere metade. De Alpedrinha vão três pequeninas Marias e levam pregos na mão, 45\$00. Antes pregos do que vidros... Um anónimo leva 50\$00. Ponte do Lima apresenta telhas, 30\$00. São Martinho da Cortiça também leva uma telha de 20\$00. Alcobaça vai com roupas e 50\$00. O assinante 8.574 leva 200\$00. Logo atrás temos Golegã com 300\$00. Torres Novas que fica ali perto, vai com metade. Um senhor do Brasil também quer ir com 500\$. Monção leva 100\$00. Se eu disser que o Canadá também vai, ninguém acredita. Pois vai sim senhor com 10 dólares! Fonte da Moura torna com 150\$00. Braga não quer ficar em casa e vai com 100\$00. Vila Nova de Foscoa metade. Um Tripeiro que mora em Coimbra vai com 150\$00.

Ora agora peço a todos um pequenino esforço; queiram arrumar-se:

De algum que tenho conseguido economisar, retiro esc. 6.000\$00 para meia vivenda para os seus pobres.

Peça a Deus que me dê vida e saúde e daqui a um ano, se Deus assim o quiser e me continuar a ajudar, darei igual quantia para complemento.

Esta bandeira, como outras semelhantes, foi deixada na rua dos Clérigos. Tem graça que até aos dias de hoje, as casas levantadas e as que se estão construindo, são o produto de economias de Cristãos! *De algum que tenho conseguido economisar.*

Contando tudo quanto até hoje nos têm oferecido para a campanha das cem casas, ficamos à distância de 852.740\$ e havemos de chegar ao fim com as economias dos Cristãos.

O GAIATO NO DIA DOS SEUS ANOS

Durante a minha estadia nos Açores, estive, de visita a Paço de Sousa, um estrangeiro, acompanhado de senhoras também estrangeiras. Júlio, que me foi esperar ao avião, todo o caminho me veio a contar de como tinha sido a visita e de como os visitantes quiseram assinar O GAIATO e mais e mais e mais.

Últimamente recebi uma carta daquele senhor, que é da Noruega, um pastor protestante, que diz assim:

Dear Padre On Friday the 26 of October I had the luck to see your "Casa dos Gaiatos". But I am sorry I did not meet you, I had so many things I should like to speak about just with you But in one way it was very interesting that you were not present. I learnt that your institution went on without you in a marvellous good manner, with discipline and correctness among the boys. I think that was the best evidence of the success of your intention. I wish you all luck for your further work and Gods blessings

Peço licença de traduzir:

Querido padre. Na sexta feira, 26 de Outubro, tive a felicidade de visitar a sua casa. Tenho pena de o não ter encontrado, pois que tinha tantas coisas para discutir consigo. Mas, por outro lado, foi muito interessante a sua ausencia. Aprendi que a vida corria de maravilhosa maneira com disciplina e correcção entre os seus rapazes.

Creio que essa é a maior evidencia do sucesso da sua intenção. Desejo-lhe boa sorte e as benções de Deus.

Prosseguindo, o autor da carta pede cópias de fotografias e tudo o mais que possa elucidar, porquanto ele deseja que o seu povo conheça como a Igreja trabalha em Portugal a favor das crianças abandonadas. E nós assim fizemos.

CRÓNICA DOS VENDEDORES DE VIANA

Estando eu a preparar-me para escrever, eis que Hélio me apresenta uma crónica feita por ele mesmo. Ei-la, sem tirar nem por:

«Abel e Hélio, em Viana do Castelo. Desta vez o nosso hotel foi em casa de outra família. Também nos trataram muito bem. Tenho a dizer que os de Viana são muito nossos amigos. De cada vez que nós vamos a Viana, comemos sempre em casa de gente estranha. Muitos senhores dirigem-se a nós e dizem: Eu tinha muito gosto que vós fôsseis comer a minha casa. E nós respondemos: mas era melhor o senhor pedir ao senhor Zé Rancheiro. Ele é que manda em nós e os senhores assim fazem. O senhor Zé Rancheiro foi que nos abriu as portas em Viana do Castelo. Portanto devemos obedecer-lhe. Só assim é que nós podemos pagar-lhe o grande favor.

Também em Viana anda-se a fazer uma obra semelhante à nossa: é o senhor Padre Constantino. E agora para terminar estas simples palavras, faço um agradecimento. Hélio agradece a todos os padres de Viana o amor e carinho que têm tido connosco; e assim termino estas simples palavras.

Hélio»

Não está aqui tudo. Abel completa. Diz ele que comeram e dormiram em casa do Senhor Galeão. Que foi batatas guisadas e arroz e batatas fritas e que também vinho fino, em honra do Sr. Padre Américo e que o Senhor Galeão gostaria imenso que eu lá estivesse para tocar no copo.

Como estivessem ao pé os mais vendedores, para fugir ao trabalho de fazer crónica à parte, aproveito esta para relatar o que me disse o Albertino o qual costuma ir comer ao Seminário de Santa Margarida, com o companheiro, mas desta vez não. Desta vez foi em casa da Senhora do Mel. Diz ele que foi arroz e azeitonas e batatas e ovos. A seguir, dei a palavra ao vendedor de Famalicão, o qual informa que foi batatas e bolinhos e carne e laranjas. Gosta se

de ouvir da boca deles esta ordem da ementa: é tudo uma saladal Mas a melhor saladal vem a ser em Guimarães. Os vendedores daquela cidade disseram que foi uma misturada de cenouras e batatas e ovos e tronchuda e no fim laranjas e castanhas.

P. S.—Tornando a Viana, Abel deu-me 50\$00 dos senhores onde comeu e que também lhe deu camisolas. Hélio, por sua vez, informa que o senhor Padre Constantino vem cá brevemente com os Vicentinos, ver as nossas Casas dos Pobres. Pois que venham.

PEDITÓRIOS

O ano passado foi nos cinemas; este é nas igrejas: *Ide por toda a parte; ensinai todas as gentes. Docete.*

A primeira foi Santo António dos Congregados, aonde se recolheu a passar de nove contos, nas missas das 10, das 11, das 12 e das 13.

A seguir, foi na Trindade, em iguais horas, com o resultado de 9.360\$00. Depois veio Nossa Senhora da Conceição, às missas das 12 e das 13, com 8.400\$00, mais uma senhora que sacou do pescoço uma volta de ouro e entregou.

Nós já não pregamos a Casa do Gaiato. Não falamos na *Obra da Rua*. Uma coisa e outra, já são da história. Bastam-se. No princípio sim. No começo plantamos e regamos, mas ao depois o Pai Celeste deu o crescimento e hoje a *Obra* vive de outros elementos. É aquele crescimento que lhe imprime o seu carácter divino. Já não somos nós. Para o quê, veja-se a fé que todos lhe prestam. Muitos confessam por escrito que não acreditam em Deus, nem na igreja, nem coisa nenhuma e na *Obra da Rua* sim. Aos domingos, sobretudo no verão, Paço de Sousa é uma pequena senhora de Fátima, não se dá volta nas largas avenidas da aldeia! Por-
(CONTINUA NA 4ª PÁGINA)

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL A nossa Conferência já há muito tempo que protegia dez pobres. Como os confrades agora são doze metemos mais dois pobres que nos pareceram dignos da nossa ajuda.

Um é sózinho não tem ninguém de família, andava a pedir esmola para ver se ao menos arranjava uns tostões para comprar pão. Andava muito mal vestido por não ter quem lhe desse uns trapinhos para se cobrir. Entrou também um casal de velhinhos. Um é paráltico do lado direito há dez meses e a mulher já há três anos que perdeu o tino; têm filhos todos muitos pobres e cada dia um vai-lhes dando um pouco de comer para não deixarem os pais morrer à fome.

Tivemos muita pena duma pobrezinha que nos morreu. Era vizinha aqui da casa. Parte da família que tinha não quis saber dela. Eram as senhoras da casa que a tratavam, ajudadas por outras vizinhas muito boas. Nós estamos muito agradecidos a quem nos tem mandado roupas e dinheiro. No Montepio e pelo correio têm vindo embrulhos; que alegrem os confrades que as vão distribuir. Faltam ainda cobertores e lençóis para os velhinhos que agora admitimos na nossa conferência.

Vêm muitos doentes do Tojal aqui à casa para lhes darmos injeções. A senhora dá muitas e até o senhor Prior também.

Aqui há dias a senhora disse ao Pernas, que é ajudante de cozinheiro que fosse buscar o tacho das seringas que estava a ferver ao lume. O Pernas não percebeu bem e foi buscar o carro que costuma levar o nosso conduto para o refeitório, e colocou-lhe em cima o panelão e levou tudo ao consultório e perguntou: Minha senhora é este o tacho das injeções?...

Têm estado agora doentes alguns rapazes com doenças sérias. Um com uma paralisia, outro com febre intestinal, outro com espécie de paralisia. Tem-se gastado muito dinheiro com remédios caros para os tratar. Mas felizmente estão todos quase curados. Fazia-nos jeito ter cá sempre muita penicilina, proclina e estreptomocina. Se alguém tiver dessas coisas e que não precise mande para cá, que nos faz muito jeito.

Os nossos médicos tem sido incansáveis e nenhum deles ganha nada.

CARLOS ALBERTO LOPES

PACO DE SOUSA Como todos os anos este também assim foi. No primeiro domingo de Janeiro realizaram-se as eleições para escolha do novo chefe. Eram quatro os candidatos à chefia: sendo eles o Júlio II, o Preta, o Rodrigo e o Fernando Bártolo. Por votos foi eleito chefe da Casa do Gaiato de Paço de Sousa o último, Fernando Bártolo. A sessão encerrou-se com bolo-rei e champagne, ambas as coisas oferecidas. Foram dados vivas ao chefe cessante e ao novo eleito.

Votos sinceros para que o novo chefe saiba cumprir para o que foi escolhido pelos seus companheiros. Servir e amar.

Todos os anos, os mais velhos de todas as nossas Casas do Gaiato, costumam-se reunir num retiro espiritual. Este ano assim sucedeu. Eramos uns 40 deles. Foram três dias bem passados na companhia do Rev. João Evangelista. E assim vamos aprendendo a sofrer e a viver. «Nem só de pão vive o homem». Quem somos? A quem pertencemos? Para onde vamos? Eis os principais pontos que estudamos durante esses três dias.

Tudo correu da melhor maneira.

Decerto os leitores já sabem, que no primeiro domingo de cada mês, é transmitido em Portuense Rádio Club o programa «A voz do Gaiato», programa este que consta de notícias dos nossos pobres do Barrado, e da acção vicentina desenvolvida nas Casas do Gaiato. Este programa é apresentado pela conferência do Lar do Porto em colaboração com a de Paço de Sousa. Ao microfone os já conhecidos Júlio Mendes e

quê? É Deus quem dá o crescimento. Sim; já não falamos mais da *Obra da Rua*. Então quê? Ocupamo-nos de outra. Outra obra. Qual? *Património dos Pobres*. Pedimos nas igrejas que nos ajudem a construir casas para pobres. Nós temos necessidade da *Benção dos Pobres*. Nós precisamos que os pobres digam bem de nós, com verdade.

Carlos Gonçalves.

Não deixem de ouvir estimados leitores este admirável programa, que vos oferecerem os rapazes da Casa de Gaia-to.

Há dias o Preta muito tristonho queixou-se que lhe fugiram duas pombas correias. Ficou com muita pena, e disse para por no jornal que se algum leitor as encontrasse no seu pombal remetê-las para Paço de Sousa; os números delas são: 665503 e 725366. Se por acaso quiserem dar uma alegria ao Preta ofereçam-lhe pombas; ele reconhece e agradece.

Manuel Pinto

MIRANDA DO CORVO Realizou-se no dia 3 de Fevereiro um desafio entre os Gaiatos e os rapazes da Escola Agrícola de Coimbra. Eles tinham dito que eram miúdos mas afinal eram uns homenzarrões para a vista dos nossos. O desafio começou aproximadamente às 3 horas depois terminou com a vitória merecida dos visitantes por seis bolas a uma. A vitória foi merecida porque nós não tínhamos possibilidades de triunfo visto eles terem físico e domínio e serem muito corretos e delicados. Em breve teremos novo desafio com os do Liceu de D. João III.

Há dias resolveu-se comprar nova junta de bois visto o nosso estar velho e não poder ser utilizado para certos serviços da nossa casa como por exemplo: carretar areia, pedra e outras coisas que são precisas em abundância para as nossas casas de pobres. Mas tenho a dizer aos nossos leitores que os bois não foram baratos pois custaram a elevada quantia de dez contos e cem escudos; reparem bem, foram 10.100\$00 não é brincadeira! Agora resta-nos vender o velho. Pretendentes à compra não faltam mas todos oferecem pouco dinheiro...

Nós queremos alargar a nossa quinta e ter o sustento. Para isso já se plantaram oliveiras e vamos comprar algumas árvores de fruto. As covas, já estão prontas só falta plantá-las. Com tudo esperamos que deem bons frutos.

Havia cá uma vaca em casa mas era uma vaca tão chalada que nem dava leite nem dava nada e nós resolvemos vendê-la e que rendeu 3.000\$00. Foi pouco, mas ela também não valia nada e só dava prejuízo.

CARLOS MANUEL TRINDADE

PORTO (Continuação do número anterior) Nos pobres onde haviam muitos filhos, estes agarraram-se logo aos cartuchos. De olhos abertos e curiosos, espreitavam a ver o que lá vinha. Saltavam e chilreavam contentes, tais como os pardais. Mas uma das coisas que lhes interessavam não ia. Era os brinquedos. Não nos lembramos, mas fica para o ano. Mas mais contentes e felizes, estávamos nós, por vermos a eles tão contentes e alegres.

Após o Natal, passamos por casa de cada um deles, e perguntamos-lhes, se tinham tido boas-festas. E então, cada um comentou à sua moda, de como tinham comemorado o dia do Nascimento do Senhor.

Todos eles exibiam já, as roupas que lhes demos. As caras mais lavadas do que o costume, diziam que tinha havido festa. As camas sustentavam já, as colchas e cobretores que lhes demos, o que dava um tom mais gracioso. Em cada um, deixamos-lhes uma recomendação:

Cuidado com o prego... Queremos ver as roupas todas as semanas. Mas tudo o que vai escrito, é uma páldia ideia do que foi o Natal dos nossos pobres. Não há quem escreva com verdade, tudo o que vimos e ouvimos. Simplesmente assombroso. Findas estas pequenas notas, vai em seguida expressa em números, o que demos no Natal, as despesas e receitas do ano de 1951 e os donativos que nos deram já para este ano.

NATAL
Bacalhau. 77 quilos.
Arroz. 38 »
Açúcar. 29 »
Batatas. 80 »
Feijão. 31 »
Massa. 11 »
Azeite. 15 litros
Peças de roupas. 106

O QUE GASTAMOS DURANTE O ANO DE 1951
Aos pobres (esmola semanal) 6.681\$90
Rendas de casa. 1.167\$00
Compras de géneros. 228\$80
Compra de medicamentos. 431\$20
Roupa tirada do prego. 850\$00
Outras despesas. 350\$10
Total. 9.709\$00

Da que nós necessitamos

Ainda que mais não fosse, bastava o que esta obra tem operado nas almas, pela leitura do seu jornal. Pela leitura de O Gaiato. Muitos e muitos que dormiam, têm despertado. Reconhece-se um desejo fervoroso de dar, que aumenta de ano para ano. Lemos isto

Noticias da Conferência da nossa aldeia

Depois de tempos de ausência nas colunas do Famoso, marco novamente presença a falar dos nossos irmãos.

Já tinha saudades! O Gaiato prende. O Gaiato tem qualquer coisa que nos faz esquecer a pequenez do mundo e nos eleve a outro bem maior e incomensurável, que nós, pequeninos, não sabemos compreender, e quantas vezes esquecemos.

Tenho na minha frente um mundo de papelinhos e cartas. Um explosivas; outras caladinhas e escondidas. A heterogeneidade das almas e dos corações.

Pois bem. Há bastante tempo que não damos conta das nossas contas. Eilas: Dos Açores 100\$00. De algures 20\$00, envio referente ao mês de Fevereiro. Do Porto, uma senhora dá 20\$00. Dum meu ex-condiscipulo, concerteza com enorme sacrificio, 20\$00! Que Deus o ajude e lhe dê melhores dias de saúde.

No Espelho da Moda 100\$ e mais 50\$. Idem com 10\$00. No mesmo, o mesmo. Outra vez, agora com 50\$. Será consequência do programa do Portuense? Eu não duvido. O coração dos Tripeiros é uma árvore, cujas folhas abrigam muitos que precisam.

Mais 50\$, no fim dumas crntas com «O Gaiato» Da Vila António Enes 50\$00. Mais 20\$ numa carta com letra já conhecida e em sufrágio de um ente querido. De Paredes da Beira 100\$. De Torres Novas 50\$. Um anónimo manda 10\$. De Penafiel e numa carta dactilografada 20\$00! De Lisboa 100\$. Um Snr. Engenheiro diz que sim com 50\$. Num papelinho sóbrio para os pobres da nossa conferência 50\$00. Mais da Capital, uma Senhora alfacinha manda 60\$00. Do Marco de Canaveses 20\$00 A assinante 18 703 enviou 20\$00. Mais 5\$00 de alguém que gosta muito de dar. E por fim do *Bêbê n.º 3* a cota de Janeiro. E é tudo, por agora.

O QUE RECEBEMOS DURANTE

O MESMO ANO
Saldo do ano anterior. 428\$60
Receitas diversas. 6 656\$70
Colectas. 135\$00
Dos subscritores. 2 614\$00
Total. 9.834\$30
Saldo. 125\$30

O QUE RECEBEMOS PARA ESTE ANO

Do Snr. Eng.º Bragança. 250\$00
Entregue no nosso Lar. 50\$00
Da Rua da Prata-Lisboa. 20\$00
De uma Maria Ninguém. 20\$00
Anónimo. 50\$00
Três Irmãs. 160\$00
Do Snr. Jasmim Silva. 200\$00
Anónimo. 65\$00
Das iniciais A. C. 50\$00
Um as-inante de «O Gaiato». 10\$00
Oliveira de Azemeis. 90\$00
Anónimos. 190\$00
Do Concelho Particular do Porto. 120\$00
Total. 1.275\$00

ANOTAÇÕES

No tocante ao que recebemos no ano e 1951, encontra-se nas receitas diversas, o donativo de 5.000\$00, que foi sem dúvida o donativo que muito nos ajudou, e foi por isso que tivemos a receita maior do que a despesa. Recebemos também do Grupo dos Carlos, já este ano, mais de 10 quilos de massa, que foram distribuídos no Ano Novo aos pobres. Como acabam de ver, foi bem boa a actividade em 1951, pois enquanto no ano de 1950 gastamos 2.000\$00, este ano subiu para 9.709\$00 e no tocante ao que recebemos, também a soma se elevou para muito mais, do que o ano transacto, embora se deve muito ao donativo de 5.000\$00 supra mencionados. Desta maneira, fazemos votos para que cada ano que corra, sirva de ensejo a socorrer muitos mais pobres, para o que contamos com a boa ajuda de todos e com a sua boa compreensão.

CARLOS VELOSO

mesmo nas cartas de todos os dias. Os que antes não davam nada, começaram por pouco e hoje entregam somas consideráveis. *Eu tenho obrigação de dar. Quem é que lho disse? A leitura do jornal!*

Mais 40\$00 de um funcionário do Monte Pio Geral. Mais 50\$00 de um serralheiro. Mais 20\$00 de Vila Nova do Ceira. Mais 500\$00 de Lisboa. Mais 50\$00 de Tondela. Mais 200\$00 do assinante 8574. Mais 70\$00 de Leiria. Mais 50\$00 de Dafundo. Mais 200\$00 da Golegã. Mais 70\$00 de Benguela. Quem e Além andam por aqui no mesmo nível. Mais 180\$00 da Guarda. Mais 100\$00 de Envendos. Mais de S. Pedro da Cova 50\$00, sendo uma parte extralido da primeira importância enviada do Congo Belga por um sobrinho. Mais 50\$00 de Aveiro. Mais 40\$00 de Ranhados. Mais 200\$00 do Porto. Mais 70\$00 de Caxarias. Mais 130\$00 do Porto. Mais 50\$00 do Porto. Mais 100\$00 de uma peca-dora. Mais 5 litros de mel do Alentejo. Mell! Mais 20 de Lisboa. Mais uma gabardine azul entregue a um vendedor no Porto. Mais 70 de um pecador. Mais 10 camisolas de Lisboa. Mais uma menina Brasileira com 100\$00. Mais um mundo de coisas no Espelho da Moda. Mais meio mundo delas no Lar do Gaiato. Mais dois mundos que vêm ter a Paço de Sousa pelos serviços do C. T. T. É, simplesmente admirável! O facto de um Fernando, hei-de dá-lo a um Fernando que o saiba estimar. As roupas usadas de todos os cantos do Ultramar, são de indizível carinho. Os melhores lençóis. Os melhores cobertores. As melhores toalhas. O melhor de tudo tem atravessado o Oceano e feito a riqueza destes nossos pobres! Ainda que mais não fosse, isto bastava para fazer grande qualquer obra social.

EM DISTRIBUIÇÃO

«Isto é a Casa do Gaiato»

— II VOLUME —

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

Oito Anos de existência

1944	71.577\$10
1945	101.782\$00
1946	146.144\$00
1947	270.048\$90
1948	373.218\$10
1949	517.922\$95
1950	500.076\$00
1951	595.661\$00
	2.576 430\$05

Por estes algarismos nota-se um progresso seguro, metódico, nada irritante. Aquela cifra, que vem a ser o lucro, dá sinal de outro tanto em donativos de toda a espécie e de todas as partes do Globo. As duas reunidas, são o sinal da força de penetração dum periódico que leva a vida a dizer mal do mundo e dos seus costumes, para assim realçar a Beleza do Evangelho.